Correio da Manhã

#cm 2

TERÇA-FEIRA



Marcelo Lince/Divulgação

PEITANDO CICATRIZES

Premiada no cinema pelo aclamado 'Cyclone', **Luiza Mariani leva ao Teatro Poeira** sua experiência pessoal de **mastectomia dupla em reflexão sobre o corpo feminino** em **'O Que Meu Peito Carrega Sobre Mim',** espetáculo com direção de Bia Lessa. Página 3

CORREIO CULTURAL

O2 Play



'Só Não Posso Dizer O Nome' é baseado numa graphic novel

Helvécio Ratton aborda abusos em novo longa

O novo filme do cineasta Helvécio Ratton, "Só Não Posso Dizer o Nome", estreia nos cinemas brasileiros no próximo dia 12, com distribuição da O2 Play. Inspirado na graphic novel autobiográfica "No Abuses de Este Libro", da chilena Nati Chuleta, o longa aborda a violência sexual na infância e o silenciamento das vítimas.

A trama acompanha Tina (Lara Martinelli e Laura Del Picchia), uma jovem que decide denunciar o abuso sofrido pelo padrasto durante a infância.

Para enfrentar o trauma, a protagonista transforma sua trajetória em quadrinhos, utilizando a animação nos momentos mais delicados para dar leveza à narrativa. Filmado em Belo Horizonte, o projeto busca ampliar o debate social sobre a proteção e a escuta das vítimas.

Relembrando Luís Capucho

O documentário "Peixe Abissal", dirigido por Rafael Saar, estreia comercialmente no próximo dia 12 pela Descoloniza Filmes. O longa mergulha no universo lírico e autobiográfico do escritor, cantor e compositor Luís Capucho, retratando sua trajetória desde Cachoeiro de Itapemirim (ES) e Niterói, a convivência com o HIV e sua reinvenção artística após o coma em 1996. A obra conta com participações de Ney Matogrosso e da atriz Teuda Bara. Um circuito especial de pré-estreias pelo Brasil antecede as estreia oficial.

Novembro Negro

Organizações culturais da Pequena África contempladas no Edital 1 do consórcio Viva Pequena África prepararam a agenda do Novembro Negro, período de reflexões antirracistas e celebração da ancestralidade negra. Até o fim do mês, a região portuária apresenta atividades.

Novembro Negro II

Serão oferecidas oficinas de percussão, samba, dança afro, tranças, escrita, além de oficinas de capoeira. As expressões artísticas, comunitárias e de patrimônio ocupam palcos, ruas e espaços culturais com roteiros guiados, cortejos tradicionais, roda de samba e feiras de economia criativa.

Gabriela Gonçalves lança o segundo livro

A poetisa Gabriela Gonçalves (foto) lança o segundo livro de poemas, "O Silêncio Contido nos Abismos", pela Inmensa Editorial. Mineira de Belo Horizonte, formada em odontologia e pós-graduada em acupuntura, estreou em 2025 com "Palavras Prenhas". A obra reúne poemas de tom telúrico e expressão contida.



Divulgação

Josi Areia/Divulgação



Flora Gil estreia como atriz no musical criado a partir de um argumento de Maria Mariana

Confissões agora **cantadas**

Sucesso no teatro, cinema e TV, 'Confissões de Adolescente' , o best-seller de Maria Mariana, ganha sequeância em formato de musical

Uma adolescente de hoje encontra a própria mãe ainda menina para conversar sobre o que dói quando se está entre os 13 e os 19 anos. "Confissões de Adolescente — O Musical" está em cartaz, na Eco Villa Ri Happy, com Flor Gil no papel de Carol, protagonista de um argumento inédito assinado pela própria Maria Mariana, autora do diário que, nos anos 1990, virou peça, livro, série de TV e filme — e que agora, aos 34 anos de carreira, aprendeu a cantar.

Na nova trama, Carol faz uma viagem ao passado e reencontra a mãe adolescente. Juntas, elas atravessam os dilemas de toda adolescência. A direção e a adaptação do texto são de Matheus Souza, com direção musical de Diego Timbó, Felipe Bade e Victor Huggo.

O elenco carrega a simbologia da passagem de bastão: Laura de Oliveira, filha de Maria Mariana e neta de Domingos de Oliveira; e Clara Guimarães, filha de Ingrid Guimarães, estreiam nos palcos na mesma obra que revelou suas mães. Completam o time Igor Jansen, Vannessa Gerbelli, Gi Alparone, Belle Restum, Belle Cárceres, Sanny Feijó e Maria Esff — e, em cada sessão, um convidado especial surpresa entra em cena.

> *"O grande marco do 'Confissões' original é que ele ofereceu algo novo para aquela época. O papel do artista não é dar o que o público está querendo. É dar o que o espectador não sabe que quer... E que está precisando muito receber"*
>
> **MATHEUS SOUZA**

"Em 2012, fiz um teste para o filme 'Confissões de Adolescente'. Não passei, mas foi um teste que me marcou muito. Procuramos a Maria Mariana, ela gostou da proposta e já tinha um novo argumento, porque a intenção não era repetir o texto, mas criar uma nova obra", conta Victor Pinto, produtor do espetáculo.

A protagonista chegou por um caminho afetivo: Preta Gil (1974-2025) apresentou a sobrainha Flor a Diego Timbó quando a menina tinha uns sete anos. "Quando ela subiu ao palco para cantar, nós já sabíamos que era ela", diz o diretor musical.

Para Matheus Souza, remontar a obra é honrar o espírito com que ela nasceu. "O grande marco do 'Confissões' original é que ele ofereceu algo novo para aquela época. O papel do artista não é dar o que o público está querendo. É dar o que o espectador não sabe que quer... E que está precisando muito receber", entende o diretor.

A peça original estreou em 8 de março de 1992, no porão da Casa de Cultura Laura Alvim, com Maria Mariana, Carol Machado, Ingrid Guimarães e Patrícia Perrone, sob direção de Domingos de Oliveira, pai da autora. O livro, publicado no mesmo ano, vendeu mais de 250 mil exemplares; a série, dirigida por Daniel Filho, estreou na TV Cultura em 1994 e seguiu até 1996. Trinta e quatro anos depois, a obra completa o circuito: do diário ao palco, do palco à tela e de volta ao palco — agora fazendo o público cantar.

SERVIÇO

CONFISSÕES DE ADOLESCENTE - O MUSICAL

EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008)

Até 29/11, sextas (20h) e sábados e domingos (19h)

Ingressos: R$ 140 e R$ 70 (meia)

Uma batalha íntima na **primeira pessoa**

Dramaturgia percorre os significados históricos e culturais atribuídos ao peito feminino, da iconografia religiosa e das amas de leite no Brasil colonial à explosão dos implantes de silicone

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Há cerca de um ano, Luiza Mariani arrebatava crítica e plateias nos festivais de cinema mais importantes do país em seu desempenho em "Cyclone", que lhe valeu a láurea de Melhor Interpretação no Fest Aruanda. A produção, que pode ser alugada no YouTube e na Apple TV, representou um momento de consagração profissional, mas entrou em colisão com a batalha mais feroz de sua estrela, tendo como algoz aquela palavrinha mau caráter com a letra c, que só se revela em biopsias e cresce em metástase.

Essa guerra se declara para o público na primeira pessoa de uma atriz singular no espetáculo "O Que Meu Peito Carrega Sobre Mim", solo que ocupa o Teatro Poeira, em Botafogo, a partir deste fim de semana, sob a direção de Bia Lessa. A partir de uma trajetória marcada por cirurgias estéticas, maternidade, dificuldades na amamentação, diagnóstico de câncer e mastectomia dupla, Luiza transforma uma história íntima em reflexão sobre as expectativas sociais que, ao longo dos séculos, moldaram a relação das mulheres com os próprios seios. Segue em cartaz até 20 de dezembro e promete marcar a cena teatral carioca.

"Passei a vida negociando com o meu peito. Uma insatisfação tremenda. Quando ele virou doença, a negociação acabou. Não havia mais o que barganhar", lembra Luiza, em e-mail ao Correio da Manhã. "O enfrentamento não teve nada de heroico. Foi feito de segundas-feiras banais, exames, medo, coragem, crianças atrasadas para a escola. Foram quatro cirurgias, duas estéticas e duas oncológicas. Quando fui atrás da palavra 'peito', descobri que, além de enfrentamento, ela também carrega proteção, afeto, dor, saudade".

O diagnóstico de um carcinoma na mama esquerda, em novembro de 2024, levou Luiza a escrever sobre o corpo e as sucessivas transformações a que foi submetido. Em fevereiro de 2025, a atriz foi operada. A experiência deu origem ao espetáculo pilotado por Bia Lessa, que procura ultrapassar o relato pessoal para investigar questões como desejo, sexualidade, maternidade, padrões de beleza, doença e sobrevivência.

"A Dayse, minha personagem no 'Cyclone', é uma operária e dramaturga de 1919 que descobre, a partir de uma gravidez indesejada, que seu maior obstáculo é não ser dona do próprio corpo. No longa, ela passa por uma histerectomia depois de um aborto malsucedido. Eu a interpretei antes de saber do carcinoma. Quando o filme começou a circular, em junho de 2025, era eu quem estava tentando ser dona do meu corpo — eu havia passado por uma mastectomia dupla em fevereiro do mesmo ano. Foi o meu primeiro longa como produtora, um filme feito por uma equipe majoritariamente feminina, e ele chegou ao mundo no ano mais difícil da minha vida. Nesse meio-tempo, meu pai se foi. A trajetória do filme e o prêmio de Melhor Atriz no Fest Aruanda, no fim daquele ano, chegaram para me lembrar que, mesmo diante do caos, a vida presta", desabafa Luiza, que trabalhou em cults como "Gorila" (2012).

A dramaturgia que ela leva ao Poeira também percorre os significados históricos e culturais atribuídos ao peito feminino, da iconografia religiosa e das amas de leite no Brasil colonial à explosão dos implantes de silicone nos anos 1990. O corpo surge, assim, como território em que se inscrevem desejos, normas, medos e interdições. A escolha da multidisciplinar Bia Lessa para conduzir o projeto reflete a intenção de Luiza de escapar de uma encenação meramente confessional.

Conhecida por experiências que aproximam teatro, artes visuais, literatura e arquitetura, a diretora de experiências teatrais - como o "Medeia" de 2004 - e experiências audiovisuais - tipo "O Diabo na Rua no Meio do Redemunho", de 2023, e "Crede-Mi", de 1996 - concebe o palco como parte ativa da dramaturgia.

"A Bia entra no corpo da peça. Eu cheguei com um texto, uma pesquisa e uma história. Ela me pediu coragem e me deu chão. É uma diretora rigorosa, viva. Trouxe à tona o subterrâneo do texto com alegria e veemência", explica Luiza.

Nesta montagem, a ação se concentra em aproximadamente um metro quadrado, enquanto a plateia ocupa o espaço tradicionalmente destinado à atuação. A limitação física converte-se em metáfora para os obstáculos que a sociedade impõe às mulheres — e para a necessidade de transformar aquilo que não pode ser desfeito.

O cenário se modifica continuamente, em uma sequência de 65 fragmentos manipulados pelas atrizes convidadas Dani Kupek e Erika Mader. A encenação incorpora ainda objetos cotidianos, como jornais, barbantes e fitas adesivas, preservando as marcas do processo de criação. A própria camisola usada por Luiza é a mesma que ela comprou para vestir no hospital após a cirurgia. Costurada, cortada e transformada durante os ensaios, a peça de roupa funciona como registro material da experiência que deu origem ao espetáculo.

Produzido por Luiza com Pablo Sanábio, "O que meu peito carrega sobre mim" reúne ainda a colaboração de Camila Toledo na geografia cênica, o conceito de Oskar Metsavaht e Juliana Suassuna e a música original de Dany Roland. "O Pablo entra para que tudo isso exista. Produzir e estar em cena ao mesmo tempo é quase impossível, e ele segurou a estrutura para que eu pudesse ser só atriz quando precisava. É implacável, no melhor sentido. Um grande parceiro", classifica Luiza.

Nessa montagem, ela propõe que, diante das transformações irreversíveis da vida, a arte possa abrir espaço para novas formas de elaborar a memória e o próprio corpo.

Marcelo Lince/Divulgação



> *"A Bia entra no corpo da peça. Eu cheguei com um texto, uma pesquisa e uma história. Ela me pediu coragem e me deu chão. É uma diretora rigorosa, viva. Trouxe à tona o subterrâneo do texto com alegria e veemência"*
> LUIZA MARIANI

SERVIÇO
O QUE MEU PEITO CARREGA SOBRE MIM
Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
aTÉ 20/12, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h)
Ingressos: R$ 100 e R$ 50 (meia)

ENTREVISTA | **PIERRE SALVADORI**

CINEASTA E ROTEIRISTA

‘Não pode haver uma boa comédia sem sofrimento’

Divulgação



RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Tão significativo quanto o êxito de vender 645 mil ingressos, num ano de vacas magras para a França nas telas, é o fato de “O Beijo Elétrico” (“La Vénus Éléctrique”) ter aberto um Festival de Cannes tão acirrado de temáticas (e polêmicas) políticas quanto foi a edição de número 79, realizada em maio. Por isso, seu realizador, Pierre Salvadori, chegou ao Brasil com o cacife lá no alto. Sua recriação para a Paris de 1928, numa história de amor, fraude e espiritismo, faz parte da programação do 17º Festival de Cinema Francês no Brasil, com sessões nesta terça-feira (3), às 15h45, no CineCarioca José Wilker, e às 15h40, no Estação Net Claro.

Desde a pandemia, quando o musical “Annette”, de Leos Carax, abriu o Festival de Cannes de 2021 diante de uma plateia mascarada e submetida às regras do distanciamento social, a França transformou a escolha do filme de abertura do seu principal festival numa espécie de cartão de visita da vitalidade de seu cinema. A tarefa já foi confiada até a um vencedor do Oscar: Michel Hazanavicius, realizador de “O Artista”, inaugurou a programação de 2022 com “Corta!”, comédia de zombies. Em 2026, a responsabilidade coube Salvadori, amparado no talento de Anaïs Demoustier, atriz que também esteve no fenômeno de bilheteira “O Conde de Monte Cristo”, em 2024.

Conhecido do público brasileiro por “Uma Doce Mentira” (2010) e “Em Um Pátio de Paris” (2014), Salvadori volta ao passado, pós I Primeira Guerra. Nele, Pio Marmaï interpreta Antoine Balestro, um pintor que, devastado pela morte da mulher, procura uma médium para tentar comunicar com ela. Suzanne, jovem trabalhadora de um parque de diversões interpretada por Demoustier, entra no espaço da sessão espírita para roubar comida, mas acaba por se fazer passar por clarividente. Incentivada pelo marchand do pintor, Armand (Gilles Lellouche), ela prolonga a fraude para manter Antoine a trabalhar. O embuste, porém, ganha contornos sentimentais quando Suzanne começa a apaixonar-se pelo homem que manipula.

Nesta conversa com o Correio da Manhã, em Copacabana, Salvadori falou disserta sobre a forma como seu país vê (e faz) cinema.

Que aspectos do fim dos anos 1920 foram importantes para a construção do filme?

Pierre Salvadori - É o momento do fim das religiões, da mecanização dos corpos e do início de uma reflexão sobre o sofrimento no trabalho. Há uma ligação entre esses elementos. A personagem de Anaïs vive uma situação trágica e dolorosa, que corresponde bem àquele período. Ao mesmo tempo, existe uma procura de refúgio no Além, com uma busca pela espiritualidade e, paradoxalmente, uma busca por uma verdade que dispense a questão da fé. Era um tempo de muita confusão, e isso me interessava.

Suzanne tem algo das grandes heroínas populares do cinema mudo. Há ecos de Chaplin, do expressionismo e até de “Metrópolis” na maneira como a personagem se movimenta pelo mundo. Como desenhou essa figura feminina em parceria com sua estrela?

A referência a Chaplin é interessante porque, em “Tempos Modernos”, descobrimos a violência de uma época e do mundo do trabalho. O corpo transforma-se numa máquina. A personagem de Anaïs Demoustier também é atravessada por uma corrente eléctrica e, em certa medida, torna-se uma máquina. Ela representa essa mecanização dos corpos, essa ideia de que, naquele período, o organismo estava submetido à produção de maneira violenta. Também me interessava construir uma mulher forte, que quisesse emancipar-se e lutar. Ela foi inspirada, entre outras coisas, pela protagonista de “O Fantasma da Senhora Muir”, uma mulher que deseja outra vida e que, depois do luto, encontra uma forma de libertação.

Seus diálogos têm uma dimensão literária, mas os atores trabalham as falas de maneira muito física, numa suposta simplicidade. Que estética você encontra na palavra, na tela?

Escrevo os diálogos por último. Penso primeiro os filmes como obras de cinema, como histórias contadas por imagens. Mas cuido muito dos diálogos porque gosto de escrevê-los. O que me interessa é partir de uma escrita bastante literária e chegar a uma interpretação física. Como transformar algo muito escrito em gesto, corpo e presença? Gosto muito de trabalhar com os atores nesse sentido, de levá-los para além da simples correção da interpretação.

Como o senhor descreveria o cinema francês neste momento?

Temos uma indústria aparentemente sólida, mas depende de vários pilares. Basta que um deles seja fragilizado para que tudo possa desmoronar. Há partidos, sobretudo da extrema-direita, que querem acabar com o CNC, o organismo que sustenta boa parte do sistema de financiamento do cinema. Existem também grandes restrições orçamentais e discussões sobre a tributação dos grupos privados que investem na produção cultural. É um milagre que se renova regularmente, mas está permanentemente em perigo. Produzimos muitos filmes, cerca de 120 por ano, e temos uma liberdade de criação extraordinária. Mas é preciso proteger esse sistema e lutar por ele. Há 60 anos que o cinema francês é considerado uma das grandes indústrias cinematográficas do mundo, e há 60 anos que precisa de se defender.

Depois de uma comédia de época como “O Beijo Elétrico”, que caminho pretende seguir no próximo filme?

O meu próximo projeto será muito menos ficcional. Quero refletir sobre o mundo do trabalho através de uma personagem inspirada numa pessoa que conheço. É alguém que viaja pela França e visita empresas, hospitais e outros locais de trabalho para conversar com os trabalhadores, ouvi-los e ajudá-los a funcionar melhor. O interessante é que esse homem, que procura ajudar os outros, é ele próprio uma pessoa muito frágil, disfuncional e à procura de identidade. Imagino uma espécie de road movie pela França, com encontros em diferentes sectores profissionais e uma mistura de documentário e ficção.

Babenco **eterno**

Mar Del Plata, terra do diretor que abraçou cidadania brasileira, faz uma retrospectiva do cineasta e resgata seu autobiográfico 'Meu Amigo Hindu'

41° FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE DE MAR DEL PLATA
5 15 NOV 2026

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Assombrado pelas forças conservadoras de Javier Milei, a léguas de distância da importância de seus anos de democracia plena, o Festival de Mar Del Plata inicia nesta quinta-feira sua 41ª edição, levando pérolas estrangeiras à Argentina, mas dedicada a celebrar o legado da prata mais reluzente da casa, que partiu há dez anos sem pedir licença à saudade da gente: Hector Babenco (1946-2016).

Afagado postumamente na delicadeza documental de "Babenco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer Parou", de sua companheira Bárbara Paz, laureado no Festival de Veneza de 2019, Hector ganhará uma retrospectiva no evento, com "Pixote, A Lei Do Mais Fraco" (1980), "Brincando nos Campos do Senhor" (1991), "Coração Iluminado" (1998). Há um quarto título, que merece realce, por ser o canto de cisne de HB: "Meu Amigo Hindu", cuja estreia comercial está completando uma década.

Até hoje, nunca se falou com o devido carinho das várias camadas do longa-metragem, que rendeu o prêmio de melhor ator a Willem Dafoe no Festival de Montreal, no Canadá, faz uma década. Há algo de metafísico nessa autobiográfica produção.

Perpétuos, Morte e Delírio compartilham a mesma inicial – a letra "D" - quando escritos em inglês, o idioma de "Meu Amigo Hindu", obrigatório longa de despedida de Hector. Esses verbetes viram Death e Delirium quando ditos por bocas como a do americano Dafoe, astro a quem o cineasta confiou o protagonismo deste drama personalísismo. Fronteiras linguísticas à parte, essas duas palavras míticas - onipresente nos filmes de Babenco - se conjugam no esperanto da dor dicionarizado pelo diretor ao longo de 124 minutos esculpidos com suas entranhas e suas recordações mais íntimas. É uma radiografia da alma do homem que, em 1986, concorreu ao Oscar de Melhor Direção por "O Beijo da Mulher-Aranha".

Filmes sobre calvários de saúde já fizeram a roda do cinema andar algumas vezes. Foi o que se viu quando, em 2005, o romeno Cristi Piu lançou "A Morte do Sr. Lazarescu", seguindo um idoso em deterioração. Há uma patologia igualmente incômoda no francês "Abus de Faiblesse", de Catherine Breillat, no qual a diretora espelha no corpo da ruiva Isabelle Huppert o derrame que sofreu. O que se deteriora em "Meu Amigo Hindu" é o organismo de Diego Fairman, um bem-sucedido cineasta vivido por Dafoe (numa atuação visceral), em função de um linfoma.

A doença foi a mesma que botou Babenco em estado de risco nos anos 1990: logo no início do longa, uma cartela de texto indica que as experiências ali narradas foram testadas na pele do próprio Babenco. Fala-se, por isso, que Diego é seu alter ego.

Para entender(mos) melhor Diego, vale retomar como bússola nossos Perpétuos em questão, Morte e Delírio, inteligíveis em qualquer língua. Em todos os filmes feitos pelo cineasta em seus 40 anos de caso com a ficção, eles estão presentes, desde seu primeiro longa, "O Rei da Noite" (1975), no qual o protagonista sonhava uma vida alternativa para se entorpecer de seu crime. Basta lembrar que Molina (William Hurt), de "O Beijo...", inventava um mundo paralelo com os cacos dos clássicos do cinema a que assistiu para não se sufocar com a cadeia. E é na boca de "O Beijo..." que Babenco vai buscar a saliva para umedecer o relato da luta de Diego para viver.

De solidez invejável como drama, "Meu Amigo Hindu" caminha a partir de sequências entre o tormento e a bonança: algumas que doem, outras que aliviam. A festa de casamento de Diego e Lívia (Maria Fernanda Cândido) e o ajuste de contas entre ela e o cunhado Antonio (Guilherme Weber) tateiam a laje do desastre iminente, deixando na plateia a sensação de uma erupção de rancor a qualquer instante: o que eleva a temperatura e o senso de risco. Já as cenas todas nas quais Diego lida com o menino indiano que dá nome ao filme (vivido por Rio Adlakha) caminham pela planície do lirismo, para dar de comer à porção delirante que alimenta a fauna do cineasta. Há lirismo ainda nas passagens com Bárbara Paz em cena, num indício de recomeço para Diego. Há ainda as tomadas de excelência com "E" maiúsculo nas quais o genial ator mineiro Selton Mello põe o longa no bolso contracenando com Dafoe (de igual para igual) na pele de um sujeito misterioso, chegado de um Além ateu, com quem Diego joga xadrez em alusão a "O Sétimo Selo" (1957), de Bergman. É uma autopsia de alma.

Divulgação



Nascido na Argentina, Hector Babenco é um patrimônio do cinema brasileiro e ganha o reconhecimento em sua terra natal

Divulgação



Hector Babenco (1946-2016) de barba no set de filmagens de 'Pixote', um cult do cinema brasileiros nos anos 1980

Divulgação



Em 'Meu Amigo Hindu', Dafoe é tomado por doença fatal que se casa com a personagem de Maria Fernanda Cândido

Brasil está em **duas frentes** do festival

O Festival de Mar del Plata segue até o dia 15 de novembro. Constam da competição oficial de filmes estrangeiros os longas "2 Valid IDs", de Ma-an L. Asuncion-Dagñalan (Filipinas); "A Professora de Francês", de Ricardo Alves Jr. (Brasil, França e Portugal); "Bélyeg", de Róbert Pajer (Hungria); "Children Untold", de Miwa Nishikawa (Japão); "Elsinore", de Simon Stone (Reino Unido); "Halima", de Yassine El Idrissi (Marrocos); "Ink", de Danny Boyle (Reino Unido); "Kindik", de Darkhan Tulegenov (Cazaquistão); "Los relatos", de Miguel del Arco (Espanha); "The Night Arezou Disappeared", de Arian Vazirdaftari (Irã e Alemanha); "Truly Naked", de Muriel d'Ansembourg (Países Baixos, Bélgica e França); "Un precio que tenemos que pagar", de Ricardo Preve (Argentina e Vietnã); "Vigilante", de Olivier Pairoux (Bélgica e Canadá); e "Vindima", de Luís Galvão Teles (Portugal e Brasil).

Na competição latina de longas, "Feito Pipa", de Allan Deberton (representante oficial do Brasil na disputa pelo Oscar), está em disputa com produções de diferentes países do continente: "Amor es el monstruo", de Neto Villalobos Brenes (Costa Rica, Peru e Panamá); "Cosme, un asunto de familia", de Álvaro Curiel de Icaza (México); "Ciudad de muertos", de J. M. Cravioto (México); "Delivery Girl", de Jorge Shinno (Peru e Espanha); "El bovino de los cuernos curvos", de Omar E. Ospina Giraldo (Colômbia); "El jardín que soñamos", de Joaquín del Paso (México); "El pez que fuma", de Luis Fernández (Venezuela e Espanha); "En el fondo está mamá", de Ana Laura Calderón (México e Colômbia); "Irreparable", de Klych López (Colômbia); "Narciso", de Marcelo Martinessi (Paraguai, Brasil, Portugal, Alemanha, Espanha, França e Uruguai); "Rumor", de Joana Nin (Brasil); "Sandra, The Primate Citizen", de Sinae Ha (Coreia do Sul e Argentina); e "Winnipeg, el barco de la esperanza", de Elio Quiroga e Beñat Beitia (Espanha, Chile e Argentina).

JamilleQueiroz/Divulgação



O cearense Feito Pipa' está competição de longas latinos

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS

Divulgação



O premiado pianista Zhu Wang é uma das atrações do evento

Jovens talentos da China e do Brasil

Há 17 anos dedicado à valorização e ao reconhecimento de jovens talentos da música clássica, o Festival Internacional de Piano do Rio de Janeiro chega a mais uma edição e neste 2026 realiza, em novembro, uma programação especial na Sala Cecília Meireles.

Com direção artística de Lilian Barretto, o evento apresenta concertos dos premiados pianistas Zhu Wang (China) na segunda-feira (9), às 19h, e das brasileiras Olívia Tebaldi e Sara Canal no domingo (15), às 11h.

Zhu Wang sobe ao palco como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem, sob regência da maestra francesa Nathalie Marin. Já Olívia e Sara serão solistas da Orquestra Sinfônica Juvenil Chiquinha Gonzaga, sob a batuta da maestra Priscila Bomfim. Ingressos a partir de R$ 10.

Concertos para a juventude

Neste domingo (8), às 11h, no Teatro Carlos Gomes, a Orquestra Sinfônica Brasileira realiza a última récita dos Concertos para a Juventude, apresentações lúdicas e interativas com entrada a preços populares. Os compositores homenageados serão Carlos Gomes, Alberto Nepomuceno e Leopoldo Miguez, grandes nomes da música brasileira, sob a regência do maestro Anderson Alves. O espetáculo conta com a narração de Alexandre Queiroz, responsável por conduzir a plateia pela apresentação. Ingressos a partir de R$ 10.

In memorian

Na sexta-feira (6), às 18, a Academia Brasileira de Música (ABM) promove sessão em homenagem ao maestro Roberto Tibiriçá, morto em outubro, tendo como orador o compositor Ronaldo Miranda. O evento será transmitido pelo YouTube da ABM.

Eu recomendo!

Fiquem de olhos e ouvidos ligados: em breve será lançado no Spotify o excepcional álbum "Brasiliana", em que o elogiadíssimo pianista canadense Marc-André Hamelin interpreta a música para piano de Radamés Gnattali. Papa fina!

Piano de Simone na Sala

Vania Laranjeira/Divulgação



Nesta quarta-feira (11), às 19h, a pianista Simone Leitão se apresenta na Sala Cecília Meireles, com um programa que começa com "Les Cyclopes" (Rameau), segue com a "Sonata nº 8, Patética" de Ludwig van Beethoven e termina com "Estudos Sinfônicos op. 13" e "Cinco Variações Póstumas" de Robert Schumann. Ingressos a partir de R$ 20.

Divulgação



Liniker dá nova vida um um clássico de Caetano Veloso eternizado na voz de Gal Costa

Liniker recria 'Dom de Iludir' para trilha de série

Gravação inédita de canção de Caetano está na trilha do melodrama homônimo com Marieta Severo, que estreou semana passada na Netflix

AFFONSO NUNES

Liniker lançou "Dom de Iludir", sua versão para a canção de Caetano Veloso que assina a trilha oficial da nova série homônima da Netflix. Produzida pela cantora com Fejuca, a releitura recebeu arranjo de proporções cinematográficas: piano delicado e uma seção de cordas com nove músicos, regida por João Marcondes. Os vocais de Liniker guiam o teaser oficial da série desde 10 de setembro, quando a plataforma anunciou a produção.

"Gravar algo eternizado na memória do Brasil é um desafio imenso. Sinto que, enquanto compositora, todas as vezes que vemos nossas obras tomando outras interpretações e versões, é como se um novo leque de possibilidades se abrisse dentro da nossa criação", comenta Liniker. "É Quase como virar espectador de si mesmo, com outras percepções. Caetano criou e emoldurou a obra, Gal eternizou em nossas memórias, e agora Netflix me deu esse presente de somar do meu jeito nessa canção. Um presente incrível. Honra máxima", acrescenta.

A canção integra "Domingo" (1967), disco de estreia de Caetano e Gal Costa, lançado pela Philips. Nesta nova vida, Liniker gravou a voz no Estúdio VIP e assina os arranjos de base com Fejuca e Herbert Medeiros; o violão e o baixo ficam com Fejuca, o piano e os sintetizadores com Medeiros, a bateria com Renato Galvão. A mixagem é de João Milliet, e o selo Netflix Music Inc. responde pelo lançamento.

> *"Gravar algo eternizado na memória do Brasil é um desafio imenso. Sinto que, enquanto compositora, todas as vezes que vemos nossas obras tomando outras interpretações e versões, é como se um novo leque de possibilidades se abrisse dentro da nossa criação"*
>
> **LINIKER**

Na útima semana, a cantora esteve no Museu de Arte Moderna (MAM) para o evento de abertura da série: os convidados assistiram ao primeiro episódio e ela subiu ao palco para um pocket show surpresa, em que interpretou a versão inédita e seus grandes sucessos, diante do elenco, da imprensa e dos convidados, com Marieta Severo, Alice Wegmann e Nanda Costa entre eles.

Na trama, Marieta vive Lúcia Rossetti, colecionadora de obras de arte que não encontra respostas médicas para a doença misteriosa da filha, Maíra (Alice Wegmann), e recorre à terapeuta espiritual Irina (Nanda Costa). São dez episódios de melodrama e suspense ambientados no Rio de Janeiro, com criação de Diane Maia e Mirna Nogueira, direção geral de Mauro Mendonça Filho e produção da Conspiração.

Em 2022, Liniker se tornou a primeira artista transgênero brasileira a vencer um Grammy Latino, com o álbum "Índigo Borboleta Anil", eleito o melhor de música popular brasileira. No ano passado, somou três estatuetas com "Caju" e canções suas, entre elas a de melhor álbum de pop contemporâneo em língua portuguesa e a de melhor canção, por "Veludo Marrom". Antes, lançou "Remonta" (2016) ao lado dos Caramelows e protagonizou a série "Manhãs de Setembro", na Prime Video.

CRÍTICA DISCO | GAFIEIRANDO

AQUILES RIQUE REIS*

Divulgação





O octeto Gafieirando celebra seu aniversário com álbum de estreia cujo repertório é fina-flor do gênero

Gafieirar pra não dançar

Hoje vamos de "Gafieirando" (Kuarup), trabalho com o qual o octeto Gafieirando comemora dez anos de carreira dedicados à gafieira. Um trabalho onde se nota uma alegria libertadora pela via democrática, para pessoas de todas as idades e classes sociais que defendem a liberdade.

E atentemos para as músicas que rolam na interpretação do Gafieirando, posto que elas estão em nosso imaginário. Só não nos deixemos enganar por gente que odeia música, que é contra vacina, afirma que a terra é quadrada e ainda reza pra pneu e bebe detergente. Ui! Bem, ouçam o álbum e notem o extremo bom gosto do repertório. É o Gafieirando dando aula!

"Fibra" (Paulo Moura e Eloir de Moraes") – part. esp. Jovi Joviniano: percussão; "Do Balacobaco" (Sombra)"; "Reencontro, cha-cha-cha dançante" (Silvério Pontes); "Olha Eu Aqui Oh Oh Oh" (Roberto Corrêa e Jon Lemos) – part. esp. Fabiano Segalot: trombone; "Albertina no Baile (Silvério Pontes e Daniela Spielmann) – tributo às dançarinas e à tradição dos salões cariocas; "Todo Santo Dia" (Chico Alves e Mauro Aguiar); "Clarinete do Moura" (Silvério Pontes e Daniela Spielmann) – dedicada a Paulo Moura; "Nunca" (Lupicínio Rodrigues) – part. esp. Áurea Martins: voz; "O Trombone do Zé" (Silvério Pontes e Daniela Spielmann) – homenagem a Zé da Velha, part. esp. Everson Moraes: trombone; "Bolero de Satã" (Guinga e Paulo César Pinheiro) – part. esp. Guinga: voz; "Se Acaso Você Chegasse" (Lupicínio Rodrigues) e "Gafieira Carioca" (Zé Menezes).

Ora bolas, coloquemos o álbum pra tocar e vamos pra rua dançar com alegria por uma festa tão digna quanto necessária para a vida melhorar. E cantemos juntos e nos deliciemos com a releitura dos clássicos dos bailes, com a homenagem aos mestres da música brasileira e com as participações especiais.

E bora em frente, gente boa! Nunca esquecendo de que "enquanto houver bambu, tem flecha!" Ouça o álbum completo em https://l1nq.com/c4a7e25.

Ficha técnica

Daniela Spielmann: saxofonista, flautista e compositora; Silvério Pontes: trompete e trompete flugelhorn; Alexandre Maionese: flauta transversa; Alana Moraes: cantora; Antonio Guerra: piano e teclados; Domingos Teixeira: violão e guitarra; Rodrigo Villa: contrabaixos acústico e elétrico; Rodrigo Scofield: bateria; André Siqueira: percussão; arranjos: Daniela Spielmann.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



Um convite à dança

Artista em ascenção no pop latino, Emilia lançou o single "Bodypainting", que inaugura a nova fase da cantora. No clipe de Martin Seipel e Melanie Anton, ela atravessa uma luxuosa cobertura com o corpo coberto de tinta preta, na exploração da sensualidade como autoexpressão; o vídeo estreou na programação da MTV e nos painéis de Times Square. "É uma música que convida a dançar e abraçar a própria sensualidade. Sinto que ela marca o início de um novo capítulo para mim", afirma a artista argentina.

Divulgação



Antes da grande turnê

Harry Styles estreou o videoclipe de "Coming Up Roses", single mais recente de "Kiss All the Time. Disco, Occasionally.", seu quarto álbum de estúdio. O lançamento coincide com a reta final da residência "Together, Together — 30 noites no Madison Square Garden". Em 2027, a turnê de 12 cidades começa em 2 de abril e leva o cantor, pela primeira vez, a estádios dos Estados Unidos e do Canadá, com um convidado por cidade — de Kylie Minogue a Feist, LCD Soundsystem e Tears for Fears.

Divulgação



A nova canção de Mayer

John Mayer lançou "Tom and Jerry", primeira canção solo inédita desde o álbum "Sob Rock", de 2021, e anunciou junto a criação da Sob Rock Records, gravadora própria em parceria com a Mercury Records. Produzida por Blake Slatkin e pelo próprio Mayer, com mixagem de Serban Ghenea e gravação no Chaplin Studios, a faixa estreou no canal exclusivo Life with John Mayer e ganhou vídeo vocal ao vivo. "'Tom and Jerry' foi o nome que usei ao salvar meu primeiro áudio com a ideia para essa música", disse Mayer.

FOTOCRÔNICA



CARLOS MONTEIRO
FOTOS E TEXTO

Rio tátil

O Rio também se revela pelas mãos. Há uma cidade que se vê da janela do carro, do alto do Corcovado, da moldura de uma fotografia. Outra, mais íntima, só se conhece pelo toque. É preciso chegar perto. Sentir a textura. Deixar que a pele leia aquilo que os olhos, apressados, nem sempre conseguem decifrar.

No Leblon, a praia guarda pequenas memórias calcárias. Conchas espalhadas pela areia, desenhos delicados que o mar esculpiu sem pressa. Apanhá-las é recolher um pedaço do oceano. A superfície lisa, as bordas irregulares, o frio que logo desaparece na palma da mão. Cada concha, uma fotografia em relevo. Cada toque, um segredo trazido pela onda.

Na Floresta da Tijuca, a natureza oferece outras páginas. A casca rugosa de uma árvore centenária. A folha macia de uma samambaia. O musgo úmido sobre a pedra. A floresta tem pele. Respira. A ponta dos dedos encontra sulcos, relevos, pequenas asperezas. É a Mata Atlântica contando sua história sem precisar de palavras.

Mais adiante, no Silvestre, as águas do Rio Carioca correm entre pedras e vegetação. Água que desce, contorna obstáculos, insiste em seguir. Tocá-la é experimentar a temperatura da montanha, sentir o frescor que resiste ao calor da cidade. Um instante de comunhão com essa natureza que ainda pulsa por trás do concreto.

E há a Pedra da Gávea. Imensa, ancestral, desafiadora. Sua rocha guarda a aspereza do tempo, as marcas do vento e da chuva. Diante dela, o homem parece pequeno. Passar a mão pela pedra, quando o caminho permite e com segurança, é quase tocar a idade do mundo. O granito não fala. Mas tem muito a dizer.

No Jardim Botânico, a relva convida a um gesto simples: descalçar os sapatos, quando permitido, e sentir a grama sob os pés. Há uma delicadeza nesse contato. O verde deixa de ser apenas cor. Torna-se frescor, maciez, vida. Entre palmeiras imperiais e árvores que parecem guardar a memória de outros séculos, o chão nos lembra que também somos natureza.

Em Ipanema, a areia escorre entre os dedos. Fina, quente, dourada. Pela manhã, ainda conserva o frescor da noite. À tarde, aquece a sola dos pés. O mar molha os tornozelos e recua, deixando uma película brilhante sobre a pele. É um encontro antigo. O corpo reconhece a praia antes mesmo que a razão consiga explicar o encantamento.

No Aterro do Flamengo, a terra brota entre a relva e os caminhos. Pequenos sinais de um chão que insiste em viver numa cidade de asfalto, automóveis e edifícios. Basta olhar de perto. Há raízes, folhas caídas, grãos de terra que se desprendem sob os dedos. A paisagem urbana também tem matéria. Também tem vida escondida. E há o toque que atravessa os séculos.

A mão imagina o que o respeito recomenda não tocar. Porque tocar também é reconhecer limites. Preservar a concha, a árvore, a pedra, a obra de arte. Entender que nem tudo o que nos encanta precisa ser levado conosco.

O Rio tátil é feito desses encontros. Da areia que foge entre os dedos, da água que não se deixa prender, da casca que resiste, da relva que acolhe, da rocha que permanece. É uma cidade que se oferece aos sentidos e nos ensina a desacelerar. O fotógrafo procura a luz. O cronista, a palavra. Mas há momentos em que ambos precisam abandonar a câmera, fechar o caderno e simplesmente estender a mão. Porque o Rio não é apenas uma paisagem para contemplar. É natureza para sentir. Vida para experimentar. Uma cidade que cabe nos olhos, mas também na palma da mão. E que, quando tocada com delicadeza, deixa um pouco de si na ponta dos nossos dedos.













